

A PSICOLOGIA DESCRITIVA COMO METODO DAS CIÊNCIAS HUMANAS

Johnny Sampaio Silva (IC) e Jonas Moreira Madureira (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

O trabalho tem por objetivo a apresentação e esclarecimento da psicologia descritiva e analítica como referencial metodológico das ciências humanas. Ele apoia-se principalmente em *Ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica* (1894), de Wilhelm Dilthey. Para tanto, exploraremos os pressupostos históricos de Dilthey, partindo de um breve relato de sua biografia e metodologia, bem como de suas críticas à teoria kantiana, que, a seu ver, perde de vista o conceito de vivência e prioriza a razão em detrimento da vida. A partir dessa posição, será possível compreender com maior clareza as implicações metodológicas das ciências naturais para o âmbito da psicologia. Implicações que, por sua vez, resultam numa psicologia nomeada por Dilthey como “psicologia explicativa”. “Explicativa” porque, ao tentar decifrar a vida psíquica segundo o método explicativo das ciências naturais, tal psicologia termina por não compreender adequadamente a própria dinâmica da vida psíquica. Na tentativa de afastar-se do método explicativo utilizado para discutir os fenômenos da natureza, Dilthey propôs uma distinção entre tipos de ciência. Enquanto, nas ciências naturais, o método se constitui a partir da explicação do seu objeto, nas ciências humanas, o método se constitui a partir da compreensão do seu objeto. Dessa forma, Dilthey oferece uma alternativa para estabelecer o estatuto de cientificidade das ciências humanas sem ter de recorrer ao método próprio das ciências naturais. Em outras palavras, a partir da psicologia descritiva e analítica, que prioriza a compreensão pela descrição e análise dos nexos que compõem a vida psíquica, Dilthey oferece a própria psicologia como paradigma para as ciências humanas.

Palavras-chave: Dilthey. Psicologia. Ciências Humanas. Psicologia Descritiva

ABSTRACT

The work aims to explore and clarify the theme of descriptive and analytical psychology and this psychology as the method of Human Sciences according Wilhelm Dilthey, based mainly on his work *Ideas concerning a descriptive and analytic psychology*. Therefore, we will explore Dilthey's historical assumptions, as well as his biography and methodology, his criticism of Kantian theory, which, according to Dilthey, loses the concept of experience and prioritizes reason over life. We will also consider the implications of natural science methods in psychology, which results in a psychology named by Dilthey of "explanatory psychology" that

does not correctly understand psychic life and in an attempt to explain it falls into a cloud of hypotheses. In an attempt to distinguish itself from the explanatory method used to understand nature, Dilthey proposes a distinction between the sciences, in which in the Natural Sciences the method is that of explanation, while in the Human Sciences its objects are studied through understanding, thus intending to give legitimacy and scientific status for the foundation of the Human Sciences without having to depend on the natural sciences method. In other words, from descriptive and analytical psychology, which prioritizes understanding through the description and analysis of the nexuses that make up psychic life, Dilthey offers psychology itself as a paradigm for the humanities.

Keywords: Dilthey. Psychology. Human Sciences. Descriptive psychology

1. INTRODUÇÃO

Os estados de fato na sociedade nos são compreensíveis por dentro, podemos até certo ponto reconstruí-los em nós, com base na percepção de nossos próprios estados. Além disso, com amor e ódio, com alegria apaixonada, com todo o jogo de nossos afetos, acompanhamos intuitivamente a representação do mundo histórico. A natureza é muda para nós. É somente o poder de nossa imaginação que derrama um brilho de vida e de interioridade sobre ela. Pois, na medida em que somos um sistema de elementos corporais que se encontra em uma ação recíproca com a natureza, nenhuma percepção interna acompanha o jogo dessa ação recíproca. Por isso, a natureza também pode ter para nós a expressão de uma quietude sublime (...) A natureza nos é estranha. Pois ela é para nós apenas um fora: ela não é nada interior. A sociedade é nosso mundo. Convivenciamos o jogo das ações recíprocas nela, com toda a força de nosso ser, uma vez que percebemos em nós mesmos desde dentro, na mais viva inquietude, os estados e forças, a partir dos quais seu sistema se constrói” (DILTHEY, 2010, p. 51)

Dilthey foi um dos autores fundamentais no processo de autonomia metodológica das ciências humanas. A princípio seu ponto de partida foi a psicologia descritiva como pilar de fundamentação para a compreensão da estrutura psíquica individual e suas interações dentro da sociedade.

De acordo com José Carlos Reis (2003), Wilhelm Dilthey (1833–1911) foi o filósofo mais importante da segunda metade do século 19. Nas ciências humanas, ele foi considerado o responsável por uma “revolução copernicana”, em que a vida não mais gira em torno da razão, mas, ao contrário, a razão gira em torno da vida. Na filosofia de Dilthey, a consciência histórica refere-se a uma experiência vivida que o espírito retoma, unifica e esclarece. A própria consciência humana é tida como histórica, já que não contém tudo como permanentemente infinito e presente. Segundo Kremer Maritti, o filósofo nega a possibilidade de se conhecer a história como se conhece a natureza. Apoia-se na compreensão para apreensão da existência (Apud. REIS, 2003, p. 24).

Dilthey nasceu em Biebrich, Alemanha. Foi filho de um pastor calvinista e, seguindo os passos do pai, obteve formação teológica a fim de exercer o ministério pastoral. Chegou a ser ordenado, mas exerceu o ofício por pouco tempo, abandonando o pastorado logo no início. Depois disso, iniciou seus estudos em filosofia e nela permaneceu até o fim de sua vida. Seu doutorado foi sobre o pensamento escolástico medieval. Como professor de filosofia, ensinou nas universidades de Basel, Kiel, Breslau e Berlim. Segundo Reis, Dilthey trabalhava longos períodos — 12/14 horas por dia — de dedicação aos estudos. A despeito do brilhantismo e até certo hermetismo, em suas produções acadêmicas — uma extensa produção em 26 volumes —, Dilthey foi um homem de poucas aparições públicas e de poucos seguidores (REIS, 2003, p. 21). Em uma citação de *O jovem Dilthey*, feita por Amaral, Dilthey afirma:

Nós desprezamos a construção, amamos a pesquisa, temos um comportamento cético em relação à maquinaria de um sistema. Essa sistemática e dialética se nos apresentam como uma poderosa máquina que trabalha no vazio. Nós estaremos satisfeitos ao final de uma vida longa, se tivermos gerado uma multiplicidade de linhas de pesquisa que nos conduzam ao mais profundo das coisas: estaremos satisfeitos se morrermos em meio a essa peregrinação. (AMARAL, 1987, p. 3)

É certo que quase todos os escritos de Dilthey têm um caráter propedêutico, mas isso decorre de sua própria forma de conceber a produção de conhecimento. Seu objetivo principal estava além de constituir sistematicamente uma obra, seu esforço consistia principalmente em uma contínua tentativa de fundamentar as ciências do espírito.

Teremos como objetivo a compreensão da psicologia descritiva e analítica proposta por Dilthey e esta como fundamentadora das ciências humanas. Para isso, no primeiro momento, trataremos sobre o contexto do autor que viveu em meados do século 19 período histórico em que o positivismo representava grande da metodologia científica. No segundo momento focaremos no entendimento dos termos “vivência” (*Erlebnis*) em detrimento da experiência como principal conceito para compreensão das ciências humanas, assim como sua hermenêutica como metodologia, ou *organon*, dessas ciências de base histórica. No terceiro momento, entenderemos sua relação com Kant, e sua proposta de uma crítica à razão histórica, em que a vida, para além de um fenômeno, é a própria base na qual apoiaremos todo nosso arsenal epistêmico das ciências humanas. Para realizar esse movimento, Dilthey irá distinguir “explicação” (*Erklärung*) de “compreensão” (*Verstehen*), concluindo que as ciências do espírito têm por base a compreensão. Por fim, compreenderemos a proposta da psicologia como base das ciências do espírito e também a necessidade dessa psicologia ser de base compreensiva, e não de cunho explicativo. Entenderemos como a asserção de uma descrição e análise dos nexos que compõem a vida psíquica são o principal método para uma psicologia autônoma e capaz de ser base para as ciências humanas.

2. O CONCEITO DE “VIVÊNCIA” E A CRÍTICA DA RAZÃO HISTÓRICA

Em meados do século 19, a hegemonia da metodologia natural sobre as demais formas epistemológicas foi nomeada “positivismo”. Os positivistas tinham grande apreço pela filosofia de Kant, no entanto, mesmo com o importante papel da filosofia kantiana, nesse cenário, a filosofia como uma disciplina científica foi, de certo modo, preterida. Havia uma necessidade de dirigir a vida prática de modo cientificista, longe da contemplação filosófica e poética. Não se busca mais uma introspecção a fim de entender a vida do homem, mas uma intensa concentração para entender o seu exterior, tendo as ciências naturais como método e paradigma de ciência. Mesmo o conhecimento pelo viés social foi dominado pelo cientificismo.

Após Darwin, parece ter havido, nas ciências naturais, a pretensão de abarcar tudo, desde a vida individual até o que é mais amplo no mundo da vida (*Lebenswelt*).

Com o surgimento do evolucionismo, tornou-se possível encontrar semelhanças e comparativos entre o homem e as outras espécies existentes. O homem já não era mais um ser especial na natureza, mas parte dela, sua extensão. O próprio espírito era um fenômeno natural e a história da humanidade uma extensão da história da natureza. Esse era o contexto de Dilthey, e, para não perder de vista o enigma da vida, sua tentativa foi a de fundamentar as ciências humanas sobre bases. (REIS, 2003).

Em sua obra *Introdução às ciências humanas*, o filósofo mostrou sobre qual terreno poderíamos lançar os alicerces das *Geisteswissenschaften*. Em sua argumentação, ele concluiu que tal terreno é o próprio espírito, o viver humano — em seu conceito: vivência (*Erlebnis*). O filósofo faz uso desse conceito em detrimento do termo “experiência”, pois pretendia escapar da lógica empirista. *Erlebnis* está além de algo experimentado pelos sentidos. Em toda a filosofia da vida desenvolvida por Dilthey, a “vivência é a própria vida reduzida nas suas proporções mais diminutas e ao mesmo tempo mais fidedignamente representativas do modelo em tamanho original” (AMARAL, 2004, p. 52). O pensador alemão, como veremos adiante, entende que o principal eixo para compreensão da história, do homem e das ciências humanas é a própria vida, e esta pode ser compreendida a partir da noção de “vivência”.

Em *Ideias*, o autor inicia sua proposta de psicologia descritiva como sendo aquela responsável pela fundamentação das ciências humanas, e, para isso, encontraria na análise da vivência seu principal material e insumo.

A fundamentação mais profunda da posição autônoma das ciências humanas ao lado das ciências naturais, uma posição que se mostra na presente obra como o ponto central da construção nas ciências humanas, realiza-se aqui gradualmente, na medida em que se leva a termo a análise da vivência conjunta do mundo espiritual em sua incomparabilidade com toda experiência sensível sobre a natureza. (DILTHEY, 2011, p. 20)

O filósofo se servirá do método hermenêutico para compreender o nexos que existe entre o ser humano e a sua produção espiritual, as ciências humanas. Hermeneuticamente se compreenderá como se configura o conhecimento humano dentro do próprio espírito, tirando de cena o positivismo e a lógica explicativa. Scocuglia descreve que a hermenêutica:

tem suas origens no século XIX com os esforços, sobretudo de Scheiermacher e, posteriormente, de Dilthey, no sentido da formulação de uma teoria da interpretação, ampliando o alcance da compreensão hermenêutica do campo teológico, dos textos clássicos, para a compreensão objetiva de qualquer tipo de texto e/ou expressão humana. (SCOCUGLIA, 2002, p. 253)

De acordo com Amaral (1987), a hermenêutica ganha força após um período de crise da filosofia do século 19, quando a filosofia perde seu caráter científico, Dilthey encontra na hermenêutica a consistência histórica necessária para fundamentar as ciências do espírito. A hermenêutica é para ciências humanas o que a lógica é para as ciências naturais. Como veremos à frente, a própria psicologia descritiva e analítica também está posta sobre o pilar hermenêutico. Em seu livro *Dilthey: um conceito de vida e pedagogia*, a autora ressalta:

Hoje, há conhecimento de que o procedimento hermenêutico, desenvolvido inicialmente em campos mais restritos como o da teleologia, jurisprudência e filologia, passou a ser – graças ao esforço de Dilthey, no sentido de fundamentar as “ciências do espírito” com total independência em relação às ciências da natureza – aplicado ao campo mais amplo da vida em sua totalidade. (AMARAL, 1987, p. 48)

Desse modo, como citado acima, a própria psicologia se valerá da compreensão e interpretação ao analisar e descrever as unidades individuais. Em momento posterior à publicação de *Ideias*, o autor vai, definitivamente, colocar nos ombros da hermenêutica a tarefa de ser a base das ciências humanas. No presente trabalho, discutiremos o viés exclusivo tratado em sua obra aqui discutida, o da psicologia descritiva e analítica enquanto fundamento das *Geisteswissenschaften*.

Faz-se necessária a discussão da relação entre a epistemologia de Kant e a de Dilthey, cuja tarefa de fundamentar as ciências era semelhante à de Kant, porém, rejeitava sua ideia de que o mundo exterior pudesse ser reduzido a puro fenômeno (REIS, 2003). Beckenkamp, ao descrever a relação entre os autores, afirma o seguinte sobre Dilthey:

Apesar de em sua biografia de Schleiermacher ter registrado a posição de Kant no desenvolvimento da hermenêutica moderna, Dilthey acabou posteriormente enquadrando a filosofia crítica kantiana num esquema que mostra a influência do neokantismo: o essencial da contribuição de Kant é sua crítica da razão pura, cujo núcleo duro seria a crítica ou a teoria do conhecimento das ciências naturais. (BECKENKAMP, 2010, p. 278)

Diferente de Kant, em *Crítica da razão pura*, ao empenhar-se em superar a metafísica e postular na razão o eixo para análise da realidade, Dilthey procura na história a fundamentação para as ciências humanas, afastando-se da metafísica e da presunção de um sujeito transcendental e de saber absoluto. Para ele, a tentativa de Kant não atingia o ponto nevrálgico da metafísica: a busca por uma verdade absoluta do ser. Além disso, tal abordagem comungaria dos mesmos erros metafísicos, tal como não ter o pensamento articulado à vida, mas somente a razão. Dessa forma, diferente de Kant, Dilthey entende que o terreno dos elementos passíveis de conhecimento é a própria vida, cabendo uma descrição e análise desta, dado que, entendendo-se sua manifestação na história, compreenderemos os nexos e conexões necessárias para o entendimento desses produtos espirituais, que são as ciências humanas. Em suas palavras:

Nas veias do sujeito cognoscente, que foi construído por Locke, Hume e Kant, não corre sangue real, mas o suco diluído da razão como uma mera atividade de pensamento. A lida tanto histórica quanto psicológica com o homem em seu todo conduziu-me a, na multiplicidade de suas forças, colocar na base mesmo da explicação do conhecimento e de seus conceitos (conceitos tais como mundo exterior, tempo, substância, causa) esse ser que, querendo e sentindo, representa; e isso por mais que, como esses seus conceitos, o conhecimento só parece tecer a partir da matéria da percepção, da representação e do pensamento (DILTHEY, 2010, p. 6-7)

A noção de “crítica da razão histórica” seria o contraponto apresentado por Dilthey, o fato de que não é possível a produção de conhecimento sem que se tenha como postulado a história, e esta, como superior ao sujeito kantiano concebido como um artifício lógico. Dilthey tira de cena o sujeito transcendental e, no lugar, propõe o sujeito histórico, pois entende que a história tem como fundamento principal a própria vida, a qual deve ser, então, a fonte de todo conhecimento humano. Segundo Sofia Rovigui:

Dilthey aceita a tese de Kant de que nosso conhecimento se limita ao mundo da experiência, mas recusa a da subjetividade do tempo, a afirmação de que o tempo é apenas forma dos fenômenos. O historiador recusa-se a admitir essa tese, porque sem tempo não há história, aliás não há vida, e reduzir o tempo à forma dos fenômenos significaria reduzir a vida a fenômeno. É uma *contradictio in adiecto* [uma contradição entre partes de um argumento] considerar a vida como aparência (observe-se como o fenômeno transforma-se aqui em aparência, Schein), “pois no decorrer da vida, no crescimento do passado e no estender-se em direção ao futuro desenvolvem-se as realidades que constituem o nexo efetivo e o valor da nossa vida” (Ges. Shiriften, V, p. 5). Se a vida dependesse de algo intemporal, deixaria de ter valor. (ROVIGUI, 2005, p. 271)

No contexto da epistemologia kantiana, o terreno principal em que é possível encontrar a base epistêmica das ciências humanas é o sujeito transcendental, portanto, no sujeito que se apresenta como um “eu-transcendental”, um agente que experimenta aquilo produzido por sua mente (as representações). Em contrapartida ao pensamento desse autor, a tentativa de Dilthey é dar autonomia às ciências morais, e, por isso, partia do fato concreto das ciências do espírito. Elas existem e geram produtos reais através do espírito em detrimento a fenômenos ou representações. Sua crítica histórica é a de que não há objetos e sujeitos abstratos (distantes do mundo real). Tudo que se dá se dá na história, e nada, nem mesmo as categorias kantianas, estão além da vida.

Pelo fato de essas ciências estarem envolvidas constantemente nas práticas sociais, seu desenvolvimento epistêmico e normativo não se deu por vias lógicas, mas na própria praticidade do envolvimento relacional humano. Isso torna evidente a necessidade de apoiar-se em um método que não transponha da lógica das ciências naturais, e sim uma perspectiva metodológica que leve em consideração as especificidades dos produtos espirituais. De acordo com Dilthey:

a realidade efetiva histórico-social, no contexto em que ela se constrói no interior da articulação natural do gênero humano a partir de unidades individuais, assim como as ciências da realidade efetiva, isto é, as ciências humanas. (DILTHEY, 2010, p. 147)

Por apresentarem objeto diferente das ciências naturais, as humanas devem partir do entendimento de que seu objeto é inicialmente interior, ou seja, no sujeito e de sua articulação natural entre unidades individuais. A vida social e sua ciência não são construídas hipoteticamente, mas primariamente dadas e vivenciadas, completas de sentido e finalidade; a vida psíquica é a própria experiência interna. É diferente, portanto, das ciências naturais em que a coerência (nexo) só é possível graças a raciocínios que preenchem os dados da experiência, combinando hipóteses e conceitos. (REIS, 2003) Essa articulação é possível por analogia entre os indivíduos, que são capazes de transferir sua vida psíquica aos outros homens, tornando possível a realização da própria sociedade.

3. A PSICOLOGIA EXPLICATIVA E A DISTINÇÃO ENTRE “EXPLICAÇÃO” E “COMPREENSÃO”

Dilthey utilizaria como método para as *Geisteswissenschaften* a psicologia, contrapondo-se, porém, às psicologias de moldes positivistas e com abordagens destoantes da verdadeira apreensão da realidade interna. Nas palavras de Marcelo Roehle:

A Psicologia, a fim de emancipar-se da Filosofia e adquirir status científico, no final do século XIX, assumiu como seus os objetivos da Ciência (Natural) então praticada. Em seus primórdios, a Psicologia científica necessitava do aval de posições tradicionais do conhecimento – ainda que na forma de cópia – para obter relevância. (ROEHLE, 2006, p. 155)

Em sua obra *Ideias*, Dilthey apresenta a tese da psicologia explicativa como aquela que tem por objetivo a explicação do “mundo da alma”, segundo seus componentes, forças e leis, tal como ocorre em esclarecimentos dos fenômenos físicos ou químicos. Portanto, em sua tentativa de elucidar os fenômenos, há uma subordinação destes a determinado nexo causal. Isso nos mostra a ineficiência da submissão aos métodos científicos naturais aplicados à psicologia e suas implicações na fundamentação das *Geisteswissenschaften*.

Pois o domínio da psicologia explicativa ou construtiva, que trabalha com hipóteses segundo a analogia do conhecimento da natureza, tem consequências extraordinariamente desvantajosas para o desenvolvimento das ciências humanas. Para o pesquisador positivo nessas áreas, parece hoje ou bem necessário abdicar de toda fundamentação psicológica, ou bem se contentar com todas as desvantagens da psicologia explicativa. (DILTHEY, 2010, p. 33)

A psicologia explicativa pretende analisar a vida psíquica no mesmo formato da explicação dos fenômenos químicos e físicos. Há, por esse motivo, em sua observação dos fenômenos anímicos determinada subordinação destes a um nexo causal, uma conexão

“causa-efeito” (DILTHEY, 2011). Porém, para dar cabo a seus objetivos, precisa de hipóteses, já que seu objeto não é um todo agrupado, mas um apanhado de fatos dispersos que se apresentam à consciência, só sendo possível explicá-los por meio das hipóteses. Sua pretensão é deduzir de um número limitado de elementos um conhecimento completo e transparente dos fenômenos psíquicos (Ibid.). Porém, as ciências do espírito, não podem ser firmadas sobre uma série de hipóteses, além disso, é necessária uma metodologia autônoma para essas ciências a fim de torná-las mais conscientes de sua própria natureza:

Constatamos a pretensão das ciências humanas de determinar autonomamente os seus métodos de maneira correspondente ao seu objeto. A partir dos conceitos mais universais da doutrina geral do método e por meio de um teste em relação aos seus objetos particulares, às ciências humanas precisam alcançar modos de procedimento e princípios mais particulares no interior de sua área, tal como o fizeram justamente as ciências naturais. Não é pelo fato de **transpormos** os métodos inventados por eles para o nosso campo, mas pelo fato de nosso conhecimento se ajustar a natureza de nossos objetos. (DILTHEY, 2011, p. 29) (grifo nosso)

Os elementos passíveis do estudo das ciências da natureza partem de fora e se apresentam à nossa consciência por meio de nossos sentidos. Já os objetos das ciências humanas surgem no interior da vida, a própria vida interna, como realidade viva. Faz sentido o uso das hipóteses para ciências naturais, pois, na tentativa de entender o que me é estranho – a natureza –, eu crio hipóteses e conexões a fim de conhecê-la. Já a realidade interna nos é dada, facilmente compreendida. As ciências morais nascem do próprio espírito, da própria história produzida na humanidade. O núcleo duro dessa produção é a própria alma humana:

Assim como os sistemas da cultura: economia, direito, religião, arte e ciência, assim como a organização externa da sociedade nas associações da família, das comunidades, da igreja e do Estado provieram da conexão viva da alma humana, elas mesmas só podem ser por fim compreendidas a partir dela. (DILTHEY, 2011, p. 35)

Sabendo que o principal lugar de surgimento dos materiais históricos é a alma humana, partiremos da observação dela própria para compreender seus produtos. Precisamos realizar essa tarefa de modo autônomo, longe dos moldes explicativos, já que a realidade da vida psíquica, como veremos adiante, é imediatamente dada. Por isso, no embasamento das ciências humanas, é necessário, segundo o autor, o entendimento de uma divisão no seio das ciências naturais e do espírito, em que uma se prestaria à explicação, e outra, à compreensão. Seu objetivo é, por meio dessa distinção, trazer para as ciências compreensivas status de ciência legítima, visto que a transposição dos métodos da ciência natural (o explicativo) não corresponde à natureza dos objetos que delimitam o escopo de observação nas ciências do espírito. Segundo Dilthey:

Daí resulta para as ciências naturais o fato de, nelas, a conexão da natureza só ser dada por meio de conclusões complementares, por intermédio de uma ligação de hipóteses. Para ciências humanas se segue em contrapartida, o

fato de, nelas, a conexão da vida psíquica se achar por toda parte à base como uma conexão originalmente dada. Nós explicamos a natureza, enquanto compreendemos vida psíquica. (DILTHEY, 2010, p. 29)

O autor também se ampara sob a concepção de vivência conceituando aquilo que só pode ser apreendido por meio da vida mesma, não pode passar pelo crivo da explicação, mas da compreensão. Nesta, em lugar de buscar as causas, apreendem-se as intenções e os fins. O que existe na vida psíquica são finalidades, o que existe na natureza, causalidade (FOULQUIÉ, 1977).

Portanto, devemos partir da compreensão nas ciências humanas e, para isso, nos valer do método descritivo, que terá como principal ferramenta a psicologia descritiva e analítica. Nas palavras de Dilthey:

Essas ciências precisam de uma psicologia, que seja antes de tudo firme e segura, o que ninguém pode dizer em louvor da psicologia explicativa atual, que descreve ao mesmo tempo, porém, toda a realidade efetiva poderosa da vida psíquica e, até onde isto é possível, a analisa. (DILTHEY, 2011, p. 47)

4. A PSICOLOGIA DESCRITIVA E ANALÍTICA DE BASE COMPREENSIVA

Em *Ideias*, Dilthey expõe aquela que seria a base definitiva para as ciências do espírito, nomeada de psicologia descritiva e analítica. A tarefa de tal psicologia será olhar a completude da vida psíquica, tal como ela se apresenta, a fim de analisá-la. Concomitantemente, deverá oferecer uma descrição fidedigna e segura, longe de suposições:

Portanto, é necessário e possível uma psicologia, que coloque à base de seu curso o método descritivo e analítico [...] Ela tornar-se-á à base das ciências humanas, assim como a matemática é a base das ciências naturais. [...] Por meio de uma determinação conceitual e de uma designação firmes, ela produzirá paulatinamente uma terminologia comum às ciências humanas. (DILTHEY, 2011, p. 95-96)

Torna-se necessária a introdução de uma psicologia condizente com os objetos da vida psíquica e das ciências humanas. Nasce dessa necessidade uma psicologia descritiva e analítica, que, de acordo com o filósofo, surge da própria natureza da vida interna, contém em si algo completo, integral e, portanto, exige para a compreensão de sua realidade tal método (DILTHEY, 2011). Segundo o autor: “seu objeto precisa ser cunhado pelo homem desenvolvido e pela vida psíquica plena e pronta” (Ibid.).

A psicologia descritiva e analítica é denominada como sendo de base compreensiva e qualitativa (FOULQUIÉ, 1977). Os conceitos das ciências naturais não são coerentes no domínio mental, uma vez que a metodologia delas parte de modo sintético e construtivo, ou seja, de causa em causa até chegar em um dado primeiro e elementar. (Ibid.). É, porém,

impossível se obter conhecimento da vida psíquica com esse referencial metodológico, pois, como citado acima, isso resultaria de uma névoa de hipóteses que não podem ser verificadas.

Portanto, tal psicologia compreensiva se fixa na experiência tal como vivida (*Erlebnis*). Não é resultado de átomos reunidos ou de funções causais que se organizam, mas é uma unidade primitiva e fundamental. A vida acontece no meio externo, mas não é delimitada por ele, vai se tornando independente à medida que se desenvolve em contato com o meio externo. Ao se apropriar do dado real, cria representações próprias e juízo de valor acerca delas. Não é apenas um jogo de excitação como proposto pela psicologia explicativa.

Há independência na vida psíquica, ela não está entregue a leis de causalidade. O que há na vida são leis teleológicas, que tendem à finalidade, ela sempre tende a um fim, vai das primícias à conclusão, o único método possível para acessá-la é o da observação e descrição, seguidas de análise. “A psicologia precisa tomar o caminho inverso daquele que foi percorrido pelos representantes do método construtivo. Seu curso precisa ser um curso analítico, não um curso construtivo” (DILTHEY, 2011). Apesar disso, é impossível analisar a vida longe dela mesma, ela é seu próprio referencial, ao visualizarmos seus elementos constituintes jamais podemos perdê-la de vista.

A principal diferença da psicologia descritiva é seu ponto de partida. Quando se trata da realidade interna temos consciência dela, por causa da própria vivência, Dilthey chama essa possibilidade de “apercepção”. “Nossa percepção interior é diferente da exterior, a interior nos é dada por apercepção, é, portanto, dada e vivenciada” (DILTHEY, 2011, p. 66). A percepção interior e exterior vem à tona graças a processos lógicos elementares que compõem a totalidade de nossa vida psíquica. Podemos nos utilizar de recursos da própria vida psíquica para analisar ela mesma. O autor nomeia esses recursos de atos lógicos, é por meio deles que podemos abstrair os processos mentais a fim de classificá-los e ordená-los:

Em todos esses atos lógicos estão coimplicados a diferenciação, a equiparação e os graus da diversidade. Emergem necessariamente dessas atividades lógicas uma divisão e uma denominação, nas quais reside o cerne da definição. (Ibid., p. 67)

Como já foi dito, o objeto principal do estudo nesta psicologia é a análise e descrição dos nexos que compõem a vida psíquica. Essa psicologia é também analítica, pois tem por meta final descobrir os fatores reais por meio da decomposição dos estados psíquicos, tais como lembrança, percepção, memória, atenção etc. Ao decompor esses estados, notaremos que esses elementos estão ligados entre si por um nexo. Pois a todo instante temos em nós uma conexão para objetos internos ou externos (DILTHEY, 2011). Para trazermos esse nexo à luz da análise, precisamos utilizar recursos do próprio pensamento para localizá-lo. O autor denota que, quando observamos a repetição de conteúdos, é possível

surgir conexões mais claras a nós. É quando um elo evoca um segundo, que evoca o terceiro (Ibid.). Aqui, quando enxergado, temos a consciência do que liga, temos a consciência do nexos.

Para separar um processo particular, utilizamos a percepção duradoura para apreendê-lo, através da abstração podemos separar uma função. Em um segundo momento, por meio da generalização, buscaremos observar uma forma comum. Em todos esses processos fazemos uso dos próprios atos lógicos concebidos na vida psíquica. “Como que por si mesmo, o pensamento psicológico passa para a pesquisa psicológica.” (Ibid.). Daqui surge a segurança do método psicológico, pois ele parte da vivência e aí permanece. A conexão que existe dentro da vida psíquica não é dada por complemento, como hipóteses, mas o pensar psicológico articula e distingue a partir do nexos dado, que é próprio da natureza psíquica. A partir disso, conclui-se que, na psicologia

...partindo do nexos da vida psíquica apreendida de modo universalmente válida, analisa os elos particulares desse nexos, descreve e investiga seus componentes e as funções que os unifica, de maneira tão profunda quanto pode. (DILTHEY, 2011, p. 72)

Tudo na vida interna se articula com os nexos psíquicos. São esses nexos que presumem o todo. “Assim a vida psíquica é concebida como um nexos de funções, no qual componentes são unidos” (Ibid.).

Por isso, seu principal método da psicologia será procurar pela conexão entre as partes da vida psíquica, sua lei estrutural, o que denominamos nexos adquirido. Todos os processos da vida psíquica atuam em conjunto em nós a fim de produzir esse nexos. O nexos adquirido influencia esses processos, cada ato particular é condicionado por ele (Ibid.). Na psicologia descritiva, “Sua tarefa ulterior é destacar o nexos estrutural na vida psíquica formada” (DILTHEY, 2011, p. 73), seu objetivo é encontrar a lei estrutural por meio da qual “a vida impulsiva e a vida sentimental tanto quanto as ações volitivas são articuladas no todo estruturado da vida psíquica” (Ibid.).

Esse nexos surge na medida em que interajo com o mundo. De acordo com nossas relações no mundo, com a pressão exterior exercida por objetos reais da realidade, nossa unidade vital, ou vida psíquica se desenvolve. Na medida que nos desenvolvemos nessa interação temos um sentimento da própria vida. Esse sentimento é como uma zona filtradora daquilo que nos chega de fora, é o que Dilthey denomina nexos adquirido. (AMARAL, 1987).

Tal nexos tem em si um feixe de impulsos e sentimentos enlaçados em relações complexas que geram enquanto se relacionam novas sínteses dentro da vida íntima. “Esse feixe atribui interesse a uma nova impressão, evoca uma representação, deixa surgir um sentido volitivo” (DILTHEY, 2011, p.75). A ação desse nexos adquirido é complexa dentro da

nossa vida psíquica. Dilthey traz o exemplo da “atenção” como um estado psíquico e como esse nexos atua a fim de gerá-la:

a excitação intensificada da consciência, excitação essa que constitui essa atenção, não existe, contudo, em abstrato, mas é determinada por processos e esses processos configuram, por sua vez, a percepção, formam uma representação da lembrança, formam uma meta ou um ideal, tudo isto sempre em uma conexão vibrante por assim dizer com toda a vida psíquica adquirida (DILTHEY, 2011, p. 75)

Notamos que no processo de “atenção”, uma rede complexa de atividades está envolvida – a percepção, a lembrança, a representação. A função desse nexos é agrupar todas essas funcionalidades que ocorrem dentro da vida psíquica, dando a elas um caráter teleológico, que tenderá sempre ao desenvolvimento da vida psíquica dos indivíduos. Olharemos para esse nexos que surge da interação a fim de fazer dele nosso objeto de análise.

Acerca do nexos adquirido em si, não podemos ter clareza suficiente do que ele é, então olhamos para sua atuação sobre processos psicológicos. Os principais elos que o compõem são: vida impulsiva, vida sentimental e ações volitivas (Ibid.). Esse nexos abarca não somente as nossas representações, mas também valorizações nascidas de nossos sentimentos e os fins resultantes de nossas ações da vontade, até mesmo os hábitos de nosso sentimento e da vontade.

A vida impulsiva e sentimental é atravessada por relações fundamentais que possuem um significado decisivo para a compreensão do homem. Tal significado só se torna possível por meio da descrição já que estão fundidas entre si. A vida impulsiva é nomeada por Dilthey como o terceiro nexos da vida psíquica, conhecida como ações volitivas do homem. Nossa vida da vontade é repleta de representação, aspiração e tem como fim o desenvolvimento da vida do homem. “A ação volitiva emerge da situação conjunta de nossa vida impulsiva e sentimental.” (DILTHEY, 2011, p. 90). Todas as ações que são geradas a partir da vontade geram materiais reais no mundo; em outras palavras, nossa volição produz conteúdos objetivos para nós (Ibid.). A cultura é o principal meio da manifestação dessas vontades, as quais não dizem respeito a um indivíduo em particular, mas à interação de volições entre os componentes de uma sociedade. Como afirma Dilthey:

Em verdade, em cada consciência sustentada pelas relações culturais entrecruzam-se diversos nexos finais [...] Assim ocorrem as formas da cultura humanas, nas quais se objetiva a vontade constante e uniforme. (DILTHEY, 2011, p. 91-92)

Concluimos, por isso, que a análise psicológica não pode ser reduzida a um olhar ao particular. É bem verdade que o olhar à singularidade nos garantirá maior especificidade, porém, grande parte de seu processo parte do movimento pendular “sociedade x indivíduo”,

“nós estudamos a natureza, as leis o nexo de nossas ações junto à organização externa da sociedade” (DILTHEY, 2011, p. 92).

Aqui inicia a mereologia — o movimento da relação entre “parte e todo” — da hermenêutica diltheyana. Para identificarmos esse nexo, precisamos olhar para história humana, além da particularidade singular de uma vida psíquica. Pois, como diz Dilthey:

o que o homem é, isto é algo que ele não experimenta, de qualquer modo por meio da meditação sobre si, nem tampouco por meio de experimentos psicológicos, mas antes por meio de sua história [...] decompondo esses produtos humanos que procura alcançar intelecção do surgimento do nexo psíquico, precisa, então, contudo, ligar a observação e a reunião de toda e qualquer parte capturável com a análise dos processos históricos, nos quais tal nexo se forma. (DILTHEY, 2011, p. 79)

A área em que melhor encontramos esse nexo junto às produções históricas é nas poesias, no gênio e poeta. Os poetas podem expressar esse nexo vivo contido na vivência a partir de seus sentimentos (AMARAL, 1987). Em uma citação a *Vivência e Poesia*, obra de Dilthey, Amaral destaca: “poesia é representação e expressão da vida. Ela exprime a vivência e representa a realidade exterior” (AMARAL, 1987, p. 36). Aqui encontramos a expressão clara da vida íntima. Dilthey muito se admira do escritor germânico Goethe em suas produções literárias, pois é como se o literato pudesse plasmar as próprias vivências de tal maneira que pudesse chegar a uma representação universal delas, tocando no ideal e real, singular e plural, vivência e humanidade (Ibid.). Em uma citação do Vol. XIX das obras do filósofo, Amaral destaca: “Goethe permitiu-nos entrever num único indivíduo, Fausto, a Humanidade, cujos destinos concentrou de volta na vida de um único homem” (Ibid.).

Entendemos aqui que o poeta é aquele que tem a capacidade de plasmar a realidade de modo único. Quando ele capta sua vivência e a expressa, ele objetiva tal expressão a ponto de transplantá-la da singularidade para generalidade. E esta é a principal maneira com que podemos conhecer a história, seus sujeitos e seus nexos. O contrário também é verdadeiro: conhecendo os nexos conhecemos seus sujeitos, conhecendo seus sujeitos compreendemos a história. Singularidade e generalidade são movimentos diferentes e pendulares que regem a marcha da história (Ibid.).

As ciências humanas têm no nexo psíquico, que ocorre na própria experiência interna, sua principal base. Quando comparamos o conhecimento psicológico com o da natureza, compreendemos que esse nexo dado constitui a principal diferença entre essas ciências. Ele é responsável pela uniformidade e sentido final dos fenômenos vivenciados e experimentados. Portanto, ele é condição una para vida e para o conhecimento, sendo plenamente seguro para a psicologia e esta para as *Geisteswissenschaften* (DILTHEY, 2011).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em tudo o que foi dito, concluímos que o papel da psicologia descritiva e analítica como principal base das ciências humanas, sua complexidade e sua raiz de fundo hermenêutico e compreensiva (*verstehen*) a torna fundamento e modelo para as ciências do espírito.

Entendido o período histórico do autor e sua relação com Kant, compreendemos seu principal argumento, a saber, o da crítica à razão histórica, em que Dilthey postula na vida, e não na razão, o eixo em que as ciências humanas deveriam girar. Na obra *Ideias*, temos críticas do autor às psicologias de base explicativa e sua ineficiência metodológica, não própria às ciências do espírito. Sendo assim, para compreensão dos produtos do espírito, faz-se necessária a descrição e a análise das unidades que compõem esse todo. Em outras palavras, por meio de ideias compreendemos que, olhando para as partes, entendendo seus nexos estruturais, podemos lançar luz para concepção do todo, isto é, a própria realidade histórica.

A psicologia descritiva e analítica é parte fundante do entrelaçamento das ciências humanas, uma vez que todas elas partem de um lugar comum: a própria estrutura psíquica individual. Por meio da compreensão dos nexos que compõem essa vida psíquica, principal objeto de estudo da psicologia, compreendemos a segurança do método psicológico que, diferente das ciências naturais, tem uma totalidade dada e recursos disponíveis para a análise de seu próprio material (produções espirituais e nexos psíquicos). Há, portanto, na psicologia proposta por Dilthey, razões suficientes para nomeá-la a base das ciências do espírito, pois ela parte de um referencial sólido e que pode ser internamente observado, a própria realidade psíquica.

A presente pesquisa pode lançar luz a futuras possibilidades de compreensão dos cenários de psicologia que temos hoje a fim de compreender sua relevância entre as ciências humanas. A pergunta que fica depois dessa investigação e que servirá de norte para a continuação desta pesquisa é a seguinte: será que as psicologias têm estendido seus tentáculos com a finalidade de compreender o mundo da alma em sua complexidade vivenciada ou progridem no sentido de formulações hipotéticas, lançando mão meramente de métodos explicativos?

6. REFERÊNCIAS

AMARAL, Maria Nazaré de Camargo Pacheco. **Dilthey: um conceito de vida e uma pedagogia**. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

_____. **Dilthey: conceito de vivência e os limites da compreensão nas ciências do espírito.** *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 27, n. 2, p. 51-73, 2004. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732004000200004&lng=en&nrm=iso>. Access on 17 July 2020. BECKENKAMP, Joãozinho. Kant e a hermenêutica moderna. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 51, n. 121, p. 275-292, June 2010. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2010000100014&lng=en&nrm=iso>. Access on 18 July 2020.

BECKENKAMP, Joãozinho. Kant e a hermenêutica moderna. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 51, n. 121, p. 275-292, June 2010. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2010000100014&lng=en&nrm=iso>. Access on 18 July 2020.

DILTHEY, Wilhelm, **Ideias de uma psicologia descritiva e analítica.** Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.

_____. **Introdução às ciências humanas: tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOULQUIÉ, Paul. **A psicologia contemporânea.** São Paulo: Nacional, 1969.

REIS, José Carlos. **Wilhelm Dilthey e a autonomia das ciências histórico-sociais.** Londrina: Eduel, 2003

ROEHE, Marcelo Vial. Uma abordagem fenomenológico-existencial para a questão do conhecimento em psicologia. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 11, n. 2, p. 153-158, ago. 2006.

ROVIGUI, Sofia Vanni. **História da filosofia contemporânea do século XIX à neoescolástica.** São Paulo: Edições Loyola, 2015.

SCOCUGLIA, Jovanka Baracuhey Cavalcanti. A hermenêutica de Wilhelm Dilthey e a reflexão epistemológica nas ciências humanas contemporâneas. *Soc. estado., Brasília*, v. 17, n. 2, p. 249-281, Dec. 2002. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922002000200003&lng=en&nrm=iso>. Access on 17 July 2020.

Contatos: johnnysampaio2@gmail.com e jonas.madureira@mackenzie.br